

Dorotéia é por todos admirada e mimada e seria perfeitamente feliz se não tivesse que juntar piastra por piastra para resgatar a irmãzinha, que com onze anos já é mulher feita, e tão bela! Haverá de conseguir, a boa Dorotéia; o dono da menina é avarento, tão avarento que não compreende outra beleza que não a do dinheiro!

Grupo 4
3

BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris.*
Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro:
Imago, 1995.

26

OS OLHOS DOS POBRES

QUER saber por que a odeio hoje? Sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois acho que você é o mais belo exemplo da impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Tínhamos passado juntos um longo dia, que a mim me pareceu curto. Tínhamos nos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns, que nossas almas, daqui por diante, seriam uma só; sonho que nada tem de original, no fim das contas, salvo o fato de que, se os homens o sonharam, nenhum o realizou.

De noite, um pouco cansada, você quis se sentar num café novo na esquina de um bulevar novo, todo sujo ainda de entulho e já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café resplandescia. O próprio gás disseminava ali todo o ardor de uma estréia e iluminava com todas as suas forças as paredes ofuscantes de brancura, as superfícies faiscantes dos espelhos, os ouros das madeiras e cornijas, os pajens de caras rechonchudas puxados por coleiras de cães, as damas rindo para o

falcão em suas mãos, as ninfas e deusas portando frutos na cabeça, os patês e a caça, as Hebes e os Ganimedes estendendo a pequena ânfora de bavarezas, o obelisco bicolor dos sorvetes matizados; toda a história e toda a mitologia a serviço da comilança.

Plantado diante de nós, na calçada, um bravo homem dos seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazia pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele desempenhava o ofício da empregada e levava as crianças para tomarem o ar da tarde. Todos em farrapos. Esses três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com idêntica admiração, mas diversamente nuançada pela idade.

Os olhos do pai diziam: "Como é bonito! Como é bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio parar nessas paredes." Os olhos do menino: "Como é bonito, como é bonito, mas é uma casa onde só entra gente que não é como nós." Quanto aos olhos do menor, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa que não uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede. Voltei os olhos para os seus, querido amor, para ler neles *meu* pensamento; mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: "Essa gente é insuportável, com seus olhos

abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao *maitre* para os tirar daqui?"

Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e o quanto o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!

30

A CORDA

A Édouard Manet

“As ilusões” — dizia-me um amigo — “são talvez tão numerosas quanto as relações dos homens entre si, ou dos homens com as coisas. E quando a ilusão desaparece, isto é, quando vemos o ser ou o fato tal como existe fora de nós, experimentamos um estranho sentimento, complicado seja pela falta do fantasma desaparecido, seja pela surpresa agradável diante da novidade, diante do fato irreal. Se há um fenômeno evidente, banal, sempre igual a si mesmo e sobre cuja natureza é impossível nos enganarmos, é o amor materno. É tão difícil supor uma mãe sem amor materno quanto uma luz sem calor; não é pois perfeitamente legítimo atribuir ao amor materno todas as ações e palavras de uma mãe para com o filho? Ouçam então esta pequena história, em que fui singularmente mistificado pela ilusão mais natural.

“Minha profissão de pintor leva-me a olhar atentamente os rostos, as fisionomias que em meu caminho me são oferecidas, e bem sabem quanto prazer tiramos dessa faculdade, que nos torna a vida mais viva e mais significativa do que para os outros homens. No bairro afastado

em que moro, onde grandes espaços relvados separam ainda as construções, pus-me a observar uma criança, cuja fisionomia ardente e travessa, mais que todas as outras, me seduziu de imediato. Mais de uma vez ela posou para mim e a transformei uma vez em ciganinho, outra em anjo, outra no Amor mitológico. A fiz empunhar o violino do vagabundo, a Coroa de Espinhos e os Cravos da Paixão e a Tocha de Eros. Tão vivo, enfim, era o prazer que me proporcionavam as traquinagens desse menino, que pedi um dia aos pais, pessoas pobres, que o deixassem comigo, prometendo-lhes vesti-lo, dar-lhe algum dinheiro e não lhe impor mais que cuidar dos meus pincéis e levar os meus recados. Bem lavada, a criança tornou-se encantadora e a vida que em minha casa levava parecia-lhe um paraíso, comparada com a que teria no casebre dos pais. Mas devo dizer que esse homenzinho surpreendeu-me algumas vezes com suas crises singulares de tristeza precoce, e que logo manifestou um gosto imoderado pelo açúcar e os licores; de forma que um dia, ao constatar que, apesar de inúmeras advertências, tinha cometido outro furto do gênero, ameacei mandá-lo de volta para os pais. Depois saí e meus negócios me prenderam bastante tempo fora de casa.

“Qual não foi o meu espanto e o meu horror quando, ao voltar, o primeiro objeto que se impôs a meu olhar foi meu menino, o travesso companheiro de minha vida, enforcado no barrado deste armário! Os pés quase tocavam o chão; do lado, uma cadeira virada, que havia, sem dúvida, empurrado com o pé; a cabeça pendia convulsivamente sobre o ombro; o rosto inchado e os olhos bem

abertos, pavorosamente fixos, causaram-me de início a ilusão da vida. Soltá-lo não era tarefa tão fácil quanto pensam. Estava já bastante duro e sentia uma inexplicável repugnância em atirá-lo bruscamente no chão. Era preciso segurar o corpo inteiro com um braço e, com a outra mão, cortar a corda. Mas feito isso, as coisas não estavam terminadas; o pequeno monstro servira-se de um cordão muito fino, que lhe entrava profundamente na carne, agora era preciso, com uma tesoura fina, procurar a corda entre as duas orlas do inchaço, para desembaraçar-lhe o pescoço.

“Não mencionei que havia pedido socorro; mas os vizinhos recusaram-se a prestar ajuda, fiéis assim aos hábitos do homem civilizado que não quer nunca, não sei por que, ver-se envolvido em casos de enforcamento. Finalmente, veio um médico que declarou que a criança estava morta há várias horas. Quando, mais tarde, tivemos que despi-lo para o enterro, a rigidez cadavérica era tal que, na impossibilidade de flexionar os membros, fomos obrigados a rasgar e cortar as roupas para tirá-las.

“O comissário a quem, naturalmente, tive que declarar o acidente, olhou-me de esquelha e disse: ‘A coisa é feia!’, movido certamente por um desejo inveterado e um hábito profissional de meter medo, por precaução, nos inocentes e nos culpados.

“Restava-me realizar uma tarefa suprema, em que não podia pensar sem experimentar uma angústia terrível: era preciso avisar os pais. Meus pés recusavam-se a levar-me até eles. Por fim, tomei coragem. Mas para meu espanto, a mãe mostrou-se impassível, nem uma lágrima correu-lhe pelo canto do olho. Atribuía tal estranheza

ao horror mesmo que devia estar sentindo e me lembrei da conhecida sentença: “As dores mais terríveis são as mais silenciosas.” Quanto ao pai, contentou-se em me dizer, de um jeito meio abobado, meio distraído: ‘No fim das contas, talvez tenha sido melhor assim; de qualquer modo, ele acabaria mal!’

“O corpo, entretanto, estava estendido sobre o sofá e, ajudado por uma criada, eu tratava dos últimos preparativos, quando a mãe entrou em meu ateliê. Queria, disse-me, ver o cadáver do filho. Não podia, na verdade, impedi-la de embriagar-se com sua desgraça e recusar-lhe essa suprema e sombria consolação. Depois, pediu-me para mostrar-lhe o lugar onde seu menino se enforcara. ‘Ah!, não!, Senhora’ — lhe respondi — ‘isso lhe faria muito mal.’ E como, involuntariamente, meus olhos se voltassem para o fúnebre armário, percebi, com um desgosto mesclado de horror e de cólera, que o prego havia ficado na parede, com um pedaço comprido de corda que ali estava ainda. Precipitei-me para arrancar esses últimos vestígios da desgraça e como fosse atirá-los pela janela aberta, a pobre mulher segurou-me pelo braço e me disse com uma voz irresistível: ‘Ah!, Senhor!, deixe-me isso!, eu lhe peço!, eu lhe peço!’ O desespero, com efeito, a tinha de tal modo enlouquecido, pareceu-me, que se enchia agora de ternura por aquilo que servira de instrumento à morte do filho, querendo guardá-lo como uma horrível e cara relíquia. Assim, apoderou-se do prego e do cordão.

“Enfim! Enfim — tudo terminou. Só me restava voltar a meu trabalho, com mais intensidade ainda que de hábito, para afugentar aos poucos esse pequeno

cadáver que me assombrava os recônditos do cérebro e cujo fantasma me fatigava com seus grandes olhos parados. Mas no dia seguinte recebi um grande pacote de cartas: umas dos inquilinos de minha casa, outras das casas vizinhas; uma do primeiro andar; outra do segundo; outra do terceiro e assim por diante, umas em estilo meio brincalhão, como para disfarçar sob a aparente brincadeira a sinceridade do pedido; outras francamente atrevidas e sem ortografia, mas todas com o mesmo fim, isto é, obter um pedaço da funesta e beatífica corda. Devo dizer que dentre os signatários havia mais mulheres do que homens; nem todos porém, creiam-me, pertenciam à classe ínfima e vulgar. Guardei essas cartas.

“E então, repentinamente, fez-se a luz em meu cérebro e compreendi por que a mãe tanto insistia em arrancar-me o cordão, e com que comércio pretendia se consolar.”

AS VOCAÇÕES

NUM belo jardim em que os raios de um sol outonal pareciam demorar-se com prazer, sob um céu esverdeado em que nuvens de ouro flutuavam como continentes em viagem, quatro lindas crianças, quatro meninos, por certo cansados de brincar, conversavam.

Um deles dizia: “Ontem fui ao teatro. Nos tristes e grandes palácios ao fundo dos quais se avista o mar e o céu, homens e mulheres também sérios e tristes, mas muito mais bonitos e mais bem vestidos do que aqueles que vemos por toda parte, falam com uma voz cantante. Fazem ameaças, súplicas, põem-se desolados e muitas vezes apóiam a mão num punhal enfiado na cintura. Ah! como é bonito! As mulheres são muito mais bonitas e muito mais imponentes do que as que vêm em casa, apesar de parecerem terríveis com seus grandes olhos fundos e as faces inflamadas, não se pode deixar de gostar delas. Dá medo, dá vontade de chorar, mas a gente fica contente... E depois, o que é mais singular é que dá

Por fim, um sinal de praia; vimos, ao nos aproximar, que era uma terra magnífica, deslumbrante. Parecia que as músicas da vida se desprendiam dali em vago murmúrio e que essas costas, ricas em verduras de toda espécie, exalavam por léguas um cheiro delicioso de perfumes e de flores.

Todos logo ficaram contentes, todos logo abdicaram do mau humor. Todas as querelas foram esquecidas, todos os erros recíprocos perdoados; os duelos tratados foram riscados da memória e os rancores se dissiparam nos ares como fumaça.

Somente eu estava triste, inconcebivelmente triste. Qual um padre tolhido de sua divindade, não podia, sem uma pungente amargura, separar-me desse mar tão monstruosamente sedutor, desse mar tão infinitamente variado em sua apavorante simplicidade, que parece encerrar em si e representar com seu balanço, seus modos, suas cóleras e sorrisos, seus humores e agonias, os êxtases de todas as almas que viveram, vivem e viverão!

Dizendo adeus a essa incomparável beleza, sentia-me mortalmente abatido; por isso, quando um dos companheiros me disse "Enfim!", só pude gritar: "Já?"

Entretanto, era a terra, a terra com seus ruídos, suas paixões, suas comodidades, suas festas; uma terra rica e magnífica, cheia de promessas, que nos mandava um misterioso perfume de rosa e de almíscar, de que nos chegavam as músicas da vida em amoroso murmúrio.

AS JANELAS

QUEM olha de fora por uma janela aberta nunca vê tanta coisa quanto quem olha por uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver ao sol é sempre menos interessante do que aquilo que se passa por detrás de uma vidraça. Nesse buraco negro ou luminoso a vida vive, a vida sonha, a vida sofre.

Além da vaga dos tetos, vejo uma mulher madura, já enrugada, pobre, sempre curvada sobre alguma coisa, e que não sai nunca. Com seu rosto, com sua roupa, com seu gesto, com quase nada, refiz a história dessa mulher, ou melhor, a lenda, que às vezes, chorando, conto para mim mesmo.

Se fosse um pobre velho, o teria feito com a mesma facilidade.

E vou me deitar, orgulhoso de ter vivido e sofrido na pele de outros que não eu.

Talvez me digam: "Tem certeza de que essa lenda é a verdadeira?" Pouco importa o que seja a realidade fora de mim, se ela me ajudar a viver, a sentir o que sou e quem eu sou.

O DESEJO DE PINTAR

POBRE do homem, talvez, mas feliz o artista dilacerado pelo desejo!

Queimo de desejo de pintar aquela que vi tão pouco e se foi tão depressa, como uma coisa perdida por trás do viajante levado noite adentro. Há quanto tempo, já, está desaparecida!

Ela é bela, e mais que bela; é surpreendente. Tudo nela é abundância do negro; e tudo o que inspira é noturno e profundo. Os olhos são dois antros em que cintila vagamente o mistério, o olhar ilumina como o raio: é uma explosão nas trevas.

Talvez a comparasse a um sol negro, se fosse possível conceber um astro negro a verter a luz e a felicidade. Mas ela faz pensar bem mais na lua que, por certo, a marcou com sua tremenda influência; não a lua branca dos idílios, que se assemelha a uma noiva fria, mas a lua sinistra e embriagadora, presa ao fundo de uma noite tormentosa e sacudida pelas nuvens que correm; não a lua plácida e discreta, que visita o sono dos homens